

O ÓBVIO ULULANTE E O EXAGERO COMO MÉTODO: a imaginação sociológica na análise rodrigueana do futebol brasileiro¹

José Luiz Ratton*

Resumo

Este artigo busca identificar, na análise do dramaturgo Nelson Rodrigues sobre o futebol, traços de uma imaginação sociológica que antecipou a institucionalização do futebol como tema legítimo da reflexão das Ciências Sociais sobre o tema no Brasil.

Palavras-Chave:

Nelson Rodrigues. Futebol. Imaginação Sociológica.

**THE MOST OBVIOUS AND EXAGGERATION AS A METHOD:
The sociological imagination in the Rodriguean analysis of Brazilian
football.**

Abstract

This paper aims at identifying, in playwright Nelson Rodrigues' analysis on football, traces of a sociological imagination which anticipated the institutionalization of football as legitimate theme for thought in the Brazilian social sciences.

Keywords

Nelson Rodrigues. Football. Sociological Imagination.

¹ Este artigo beneficia-se de outro anterior (Ratton, 2004), do qual é versão ampliada e modificada.

* Universidade Federal de Pernambuco, Brasil.

“Alço a fronte e digo: ‘Eu promovi, eu consagrei o óbvio!’ Ai está o grande feito de toda a minha vida. O óbvio vivia relegado a uma posição secundária ou nula. Fui eu que, com minha pertinácia, arranquei-o da obscuridade, da insignificância.”

(Nelson Rodrigues)

“Exagerar é a minha profissão.” (Max Weber)

I. Considerações Introdutórias

A conhecida *boutade* de Max Weber colocada como segunda epígrafe deste texto talvez pudesse sintetizar a metodologia rodrigueana. Ao modo do sociólogo alemão, Nelson, pelo exagero caricatural de uma análise confessadamente parcial, nos fazia ver o que estava escondido à compreensão rasteira e, ao final, nos convencia de que, bem ao seu gosto, nada mais havia feito do que exibir o óbvio, o óbvio ululante.

E a primeira e mais fundamental das obviedades ululantes – se pudéssemos traduzi-la em termos sociológicos - é que o futebol brasileiro precisava ser enxergado com outras lentes, normativamente mais generosas e explicativamente mais abrangentes, identificando-o no centro da cultura brasileira e revelando a sua singularidade em face de outros povos e lugares. Na trilha de Mário Rodrigues, José Lins do Rêgo e Gilberto Freyre, Nelson Rodrigues propôs uma interpretação do futebol brasileiro como um fato social total, um fenômeno definidor da cultura nacional ao mesmo tempo em que por ela determinado.

Mas durante muito tempo esta não foi a interpretação hegemônica do papel do futebol em nosso país. Em diferentes momentos e circunstâncias, Lima Barreto, Graciliano Ramos e Oswald de Andrade afirmaram, cada um a seu modo, a indesejabilidade ou a impossibilidade do futebol no Brasil.

Mesmo que ainda caiba utilizar a provocação rodrigueana de que: “o intelectual brasileiro que ignora o futebol é um alienado de babar na gravata” (Rodrigues, 1993: 134)², o recente, progressivo e lento processo

² Note-se aqui a irônica inversão proposta por Nelson: alienado não é o torcedor que ama e sofre com seu time, mas o intelectual que não percebe o lugar do futebol na construção da cultura e da identidade nacionais.

de institucionalização dos estudos e pesquisas sobre o futebol no Brasil talvez nos permita dizer que, em nossos dias, o futebol tornou-se um objeto legítimo das Ciências Sociais brasileiras.

Mas o fato da Sociologia ou das Ciências Sociais brasileiras incorporarem o futebol a sua agenda, reconhecendo-o como um fenômeno social de primeira grandeza neste país – talvez não despertasse sentimentos agradáveis no autor de *Toda nudez será castigada*.

Em crônica datada de 1965, Nelson Rodrigues alerta para o equívoco de querer saber sempre a opinião de sociólogos. Segundo o nosso autor, se quisermos obter uma medida da estupidez humana, devemos dizer cheios de razão: “Burro como um sociólogo. E, de fato, o sociólogo é pior ainda do que o tenor italiano” (Rodrigues, 1994, p.96). Na mesma crônica, Nelson Rodrigues compara os sociólogos aos idiotas da objetividade, aqueles que não conseguem ler a realidade além dos seus elementos mais visíveis e aparentes, supostamente objetivos³.

Em outra diatribe, o cronista pernambucano afirma, sem medo de errar, que “o sociólogo não se espanta. Se lhe servirem, no jantar, um ensopadinho de abóbora com ratazana, ele não concederá ao fato um único e reles ponto de exclamação” (Rodrigues, 1997, p.155).

Não é difícil notar, a partir do que foi dito acima, que nós, herdeiros da tradição de Émile Durkheim, Max Weber e Talcott Parsons, nunca fomos muito estimados por Nelson Rodrigues. Talvez só fôssemos mais queridos que os psicanalistas, considerados mais perigosos que os doentes, segundo Nelson (Rodrigues, 1997, p.140).

Mas há – tanto quanto se saiba – uma honrosa exceção. Gilberto Freyre é o único sociólogo que merece o respeito e a admiração de Nelson. Para Rodrigues, “Gilberto Freyre é o maior de todos os brasileiros”. E afirma que se lhe perguntassem quais são os brasileiros mais inteligentes que conhece, responderia sem pestanejar: “Gilberto Freyre, Gilberto Freyre, Gilberto Freyre” (Rodrigues, 1997, p.73)⁴.

³ Todas as crônicas e idéias de Nelson Rodrigues examinadas neste texto estão presentes em três livros organizados por Ruy Castro: *A Sombra das Chuteiras Imortais* (1993), *A pátria em Chuteiras* (1994) e *O Berro Impresso das Manchetes* (2008).

⁴ Entre os psicanalistas também há uma exceção para Nelson Rodrigues: seu grande amigo Hélio Pellegrino.

Retornando à má reputação desfrutada por todos os sociólogos (que não são Gilberto Freyre) junto a Nelson Rodrigues, talvez possamos levantar a hipótese de que tal estado de coisas deveu-se ao fato de que, nas décadas de 1950 e 1960, era hegemônico nas ciências sociais brasileiras um conjunto de orientações que, a despeito de diferentes influências teóricas, identificavam no futebol, quase que exclusivamente, uma dimensão alienante, como se o esporte bretão funcionasse como um anestésico das massas, um tipo de ópio do povo.

Como Nelson Rodrigues enxergava a humanidade através do indivíduo, especialmente dos indivíduos notáveis (para nossos propósitos, o craque), aqueles que por sua trajetória pessoal se destacam e constroem algo que é significativo para as coletividades, nada mais natural do que a repulsa do nosso autor às visões que minimizavam o papel do indivíduo e superdimensionam as supostas forças coletivas externas que impediriam cada indivíduo (aqui, os do povo) de perceberem os seus reais interesses.

Ademais, vale notar que pode ter ocorrido certa confusão da parte de Nelson Rodrigues, que teria tomado o todo (a Sociologia) pela parte (os sociólogos que excomungavam o futebol como resíduo alienante da dominação capitalista). Considerando a forte influência marxista na sociologia brasileira do pós-guerra, como também a notória aversão de Nelson às posições políticas de esquerda, é provável que Rodrigues tenha associado toda sociologia ao marxismo que tanto combatia confundindo, ao mesmo tempo, certos setores do marxismo do campo político com todo o campo acadêmico e reduzindo a sociologia brasileira a algumas correntes marxistas que ali imperaram.

II. A imaginação Sociológica de Nelson Rodrigues

Mas, a despeito da retórica anti-sociológica de Nelson Rodrigues, é possível perceber uma série de instigantes *insights* sociológicos na obra daquele autor. *Insights* estes que revelam uma imaginação sociológica que exerceu influência – de alguma maneira reconhecida – sobre as reflexões de pelo menos um importante expoente das Ciências Sociais brasileiras contemporâneas – Roberto DaMatta – mas que, a despeito disso, ainda não foram suficientemente exploradas e desenvolvidas neste campo acadêmico.

Segundo Wright Mills (1982, p.11), a imaginação sociológica é uma qualidade de espírito que nos capacita a “usar a informação e a desenvolver a razão”, fazendo com que percebamos com lucidez o que ocorre no mundo e o que pode estar ocorrendo dentro de nós mesmos. Permitiria assim, que “compreendêssemos a história e a biografia e as relações entre ambas dentro da sociedade” (*idem*, p.12).

Arrisco afirmar que Nelson Rodrigues, mais do que muitos cientistas sociais de ofício, era possuidor de imaginação e sensibilidade sociológicas que permitiram a compreensão do futebol como fenômeno social, muito antes que o futebol se tornasse assunto legítimo de interesse sociológico. É para este ponto que quero dirigir meu foco.

Em um ensaio dedicado a Nelson Rodrigues, DaMatta destila uma série de intuições riquíssimas acerca do futebol brasileiro. Diz-nos assim, que, no Brasil, através do futebol, pudemos incorporar os símbolos do Estado Nacional (a bandeira, o hino e as cores nacionais) aos nossos valores mais profundos, re-apropriando-nos de algo que teria sido mantido durante décadas sob a guarda das elites ou dos militares. Desta maneira, o futebol nos permitiria o patriotismo sem culpa ou vergonha, possibilitando certo tipo de amor ao Brasil que nos tornaria imunes à “zombaria elitista”. O futebol torna-se, portanto, o veículo para a soma do Estado Nacional com a sociedade brasileira.

O argumento do antropólogo DaMatta estabelece uma interpretação habilidosa de um dos elementos cruciais para a formação do moderno sentimento de nação em nosso país: o futebol, um dos principais traços distintivos da cultura nacional.

Como disse acima, acredito que o autor tenha sido enormemente influenciado, como timidamente admite, pelos argumentos do nosso anti-sociólogo Nelson Rodrigues. Vejamos.

Em uma crônica publicada na *Manchete Esportiva* em 1958, Nelson Rodrigues exclama, estabelecendo uma clara associação entre a nossa auto-estima como povo e nação e as vitórias da seleção brasileira de futebol:

Do presidente da República ao apanhador de papel, do ministro do Supremo ao pé-rapado, todos aqui percebemos o seguinte: – é chato ser brasileiro. (...) Já ninguém tem mais vergonha de sua condição nacional. E as moças na rua, as datilógrafas, as comerciárias, as colegiais, andam

pelas calçadas com um charme de Joana d'Arc. O povo já não se julga mais um vira-latas (Rodrigues, 1993, p.60).

Obcecado por certos temas – gostava de uma alcunha que lhe atribuíam: *Flor de Obsessão* – Nelson Rodrigues voltaria a este assunto várias vezes. Em uma crônica publicada em *O Globo*, em abril de 1969, na qual defendia com unhas e dentes o comunista João Saldanha, Nelson, o auto-intitulado reacionário nos diz, confirmando o argumento de que o futebol e a seleção brasileira são temas de importância nacional:

(...) há um momento em que todos entendem de futebol e gostam de futebol. É quando está em causa o destino do escrete. Na hora da seleção, até a grã-fina das narinas de cadáver adquire uma súbita clarividência. Podemos dividir os nossos assuntos em 'interessantes' e 'vitais'. Um dos assuntos vitais do Brasil é a seleção. (Rodrigues, 1993, p.142)⁵.

Para o autor de *Vestido de Noiva*, não era possível separar a pátria do escrete, como queria outro cronista de então e de agora: Armando Nogueira (Rodrigues, 1994, p. 94).

Em 1976, novamente no Jornal *O Globo*, a propósito da vitória do Brasil sobre a Itália na final do Torneio do Bi-Centenário da Independência Americana, Nelson reafirma suas convicções da década de 1950 e dá a elas sua formulação mais acabada:

O escrete é a pátria em calções e chuteiras. Ele representa os nossos defeitos e as nossas virtudes. Em suma: o escrete chuta por 100 milhões de brasileiros. E cada gol do escrete é feito por todos nós (Rodrigues, 1994, p. 179).

⁵ A grã-fina das narinas de cadáver é um dos personagens mais notáveis de Nelson Rodrigues. Tal aristocrata teria perguntado inadvertidamente a quem estava ao seu lado em um jogo de futebol: "quem é a bola?" (Rodrigues, 1993, p.142). Talvez simbolize para o autor a indiferença, a desatenção e o desprezo de setores das elites brasileiras por manifestações culturais nacionais relevantes como o futebol.

Para ele, se há algo que nos identifica uns com os outros, que nos permite afirmar contra os que não são daqui e que nos dá uma sensação de que pertencemos a uma coletividade ou comunidade, é o futebol. Como vimos, o argumento rodrigueano é também o argumento de DaMatta.

Dando seguimento ao argumento da percepção do futebol como elemento de construção da identidade nacional está a análise da Copa de 1950, aliás, da perda da Copa de 1950. Nelson Rodrigues percebe, com enorme lucidez, os mecanismos pelos quais a imensa carga simbólica projetada no futebol na primeira metade do século XX no Brasil é vivenciada como uma espécie de trauma cultural quando o escrete nacional é derrotado pelo Uruguai na fatídica final (Da Silva, 2004).

Rodrigues nos mostra que a derrota contra o Uruguai foi nossa grande tragédia nacional, tal qual Canudos, ou mesmo Hiroshima: uma humilhação de tamanha magnitude que não poderia ser curada. Tal qual ferida coletiva, assumiria uma dimensão no imaginário coletivo que afetaria até a percepção que cada brasileiro tem de si mesmo: derrotado, incapaz, um verdadeiro vira-latas.

A força da análise e da compreensão deste sentimento de frustração da coletividade feita por Nelson e a sua articulação com o tema da construção da identidade nacional podem ser facilmente cotejadas, em termos estritamente sociológicos, com a noção de trauma cultural proposta pela Sociologia Cultural norte-americana (Jeffrey Alexander *et al.*, 2004). Tal como proposta pelos autores, o conceito de trauma cultural permite captar modalidades de fenômenos sociais em que uma coletividade – nacional, por exemplo – sente e percebe uma tragédia que se abateu sobre si mesma, com reflexos profundos e duradouros para sua identidade e sua trajetória histórica. Mais do que trauma psicológico, faz referência à maneira como a coletividade elabora e constrói social e culturalmente um conjunto de significados que funciona como um espelho quebrado do próprio destino histórico (cf. Morais e Ratton, 2006).

Pois bem, Nelson Rodrigues, com a ajuda fundamental de seu irmão Mário – como bem nos aponta Da Silva (2004) – identifica e descreve em sua análise, sem o recurso conceitual e abstrato do *trauma cultural*, a mesma lógica social da coletividade fraturada pela significação de um evento.

Voltando ao artigo de Roberto DaMatta, e explorando suas afinidades mais do que eletivas com a interpretação rodrigueana, podemos ver como o

autor de *A Casa e a Rua* nos convida a pensar sobre o futebol como um código de integração social. Segundo DaMatta, o futebol nos ajudaria a transformar uma sociedade altamente dividida internamente em uma coletividade capaz de afirmação através de ação coordenada e eventualmente vitoriosa (DaMatta, 1994, p.16).

Novamente, podemos notar enorme similaridade entre os argumentos de DaMatta e as idéias de Nelson Rodrigues. O dramaturgo pernambucano, em um artigo de tom jocosamente proustiano – *À sombra dos criouloes em flor* – publicado em 1969 no jornal *O Globo*, propõe que durante o jogo do desacreditado Brasil contra a poderosa Inglaterra campeã de 1966, no Maracanã, “a cidade suspendeu todos os pecados”. As divisões sociais foram esquecidas: “(...) que eu saiba, não houve um único e escasso assalto. Todas as classes, profissões, ideologias, raças e idades juntaram-se no Maracanã” (Rodrigues, 1993, p.148).

Muito além de algumas versões do marxismo de seu tempo, Nelson sugere que as divisões sócio-econômicas, políticas, étnicas, etárias – verdadeira análise multidimensional – são transcendidas, mesmo que momentaneamente, pelo futebol. A idéia de DaMatta, de que a coletividade fraturada é colada pelo cimento do futebol, é, assim, antecipada por Nelson Rodrigues, sem os rigores e cacoetes da escrita acadêmica.

DaMatta também afirma que o futebol proporcionaria “ao povo, especialmente o povo pobre e destituído, a experiência da vitória e do êxito” (DaMatta, 1994, p.17). Em um país onde as desigualdades sociais são visíveis e persistentes, DaMatta nos adverte que os setores economicamente desfavorecidos adquirem no futebol um conjunto de possibilidades de sucesso que não podem experimentar material e cotidianamente.

O argumento tem um *flavour* inegavelmente rodrigueano. Pois Nelson já nos disse várias vezes, desde o triunfo do Brasil na Suécia em 1958, que “o escrete dá ao roto, ao esfarrapado, uma sensação de onipotência. (...) De repente, sentimos que o brasileiro deixava de ser um vira-lata entre os homens e o Brasil um vira-lata entre as nações” (Rodrigues, 1997, p.151).

Nelson Rodrigues nos proporciona outras intuições sociológicas relevantes. Em um artigo em que discute quem deve ser o companheiro de Pelé na Copa de 1966, o cronista pernambucano critica certa psicanalista que, ao analisar a juventude, esquece de analisar o jovem. Adverte-nos, assim, se pudéssemos traduzi-lo para a linguagem sociológica, contra o perigo de

interpretações metodologicamente coletivistas. De acordo com Nelson, ao não olhar para o indivíduo, o analista da sociedade foca exclusivamente o contexto e esquece-se do homem. Como se a piscina nadasse e não o nadador (Rodrigues, 1994, p.108).

Ao falar do subdesenvolvimento, Nelson Rodrigues adota uma posição curiosa. Pior que o subdesenvolvimento em si mesmo (estamos na esfera da economia) é a atitude subdesenvolvida (agora, na esfera da cultura). O futebol brasileiro, seus jogadores, dirigentes, a crônica esportiva, estariam contaminadas por tal atitude de subserviência cultural.

Nelson Rodrigues estabelece então, um paradigma de crítica cultural anti-etnocêntrico, ao propor-nos que a velocidade no futebol, ao contrário do que se pensa, é burrice. E a lentidão do jogador brasileiro, nada mais é que soberba inteligência. Gérson – capaz de ficar cinco minutos com a bola nos pés e só então fazer um longo e certo lançamento – e Ademir da Guia são os dois maiores exemplos da genial lentidão brasileira. A lentidão seria, assim, o traço cultural distintivo da forma brasileira de se jogar futebol. Cronistas, dirigentes e técnicos brasileiros que reiteradamente pregavam que o lento futebol brasileiro deveria aprender com o veloz futebol europeu não passariam de colonizados culturais.

Outros temas não passaram despercebidos a Nelson Rodrigues, torcedor do tricolor das Laranjeiras e *pó-de-arroz* assumido. A importância do negro e do mulato do futebol brasileiro atravessam suas crônicas, reflexo da influência de seu irmão Mário Filho, como nos lembra Leite Lopes (1994).

Leitor de Gilberto Freyre, Rodrigues sofisticava um argumento – que pode ser atribuído tanto a Freyre, quanto a Mário Filho – de que o futebol brasileiro, como o sul-americano, carrega consigo um elemento dionísio, imprevisto, moleque, que o distinguiria dos traços excessivamente apolíneos do futebol europeu⁶. No caso brasileiro, tal elemento dionísio estaria

⁶ A oposição dionísio/apolíneo pode ser identificada – grosso modo – com a oposição entre elementos racionais e irracionais. Para efeito de análise, a aplicação de tal tipologia aos tipos de futebol jogado por europeus e brasileiros necessita, contudo, de categorias intermediárias entre os dois pólos, para que possa dar conta, tanto do estilo individual de diferentes jogadores, na Europa ou no Brasil, quanto de esquemas táticos que valorizariam características identificáveis com cada uma das categorias apontadas.

certamente ligado à presença dos negros, elásticos e coreográficos, no nosso futebol⁷.

A consideração de que o ódio é elemento tão relevante para a compreensão da paixão futebolística quanto o amor (Rodrigues, 1997, pp.165-166) – o que nos auxiliaria a entender o sistema de oposições mútuas sobre o qual se baseia a paixão clubística, as rivalidades regionais e, quiçá, lança possibilidades interpretativas para a compreensão de aspectos do fenômeno das torcidas organizadas – também pode ser indicada como outro dos *insights* sociológicos seminais de Nelson Rodrigues.

III. À Guisa de Conclusão

Inúmeras outras antecipações sociológicas certamente podem ser encontradas na profícua obra de Nelson Rodrigues sobre o futebol. Este espaço não permite que exploremos, por mais breves que sejamos, nem uma mínima parte de suas intuições sociológicas seminais.

Mas espero ter sido convincente o suficiente para ao menos insinuar, com alguma convicção, que a obra do cronista e dramaturgo pernambucano *pode ser compreendida como uma usina de relevantes clarões de imaginação sociológica*, capazes de formar um verdadeiro programa de estudos sobre o lugar do futebol na sociedade brasileira.

Utilizando o exagero e a repetição como centro do seu “método”, Nelson Rodrigues consegue identificar e captar – nos indivíduos e nas coletividades, ou nos indivíduos que são encarnações das coletividades – os traços gerais mais significativos e mais do que óbvios da cultura nacional, expressos no futebol e na vida como ela é, como diria o próprio autor.

O óbvio ululante, aquilo que salta aos olhos e no mais das vezes não é sequer observado, é fruto de um procedimento analítico e interpretativo que está no cerne da imaginação sociológica rodrigueana: pela caricatura, pela repetição obsessiva recheada de exemplos, pela criação de tipos extremados,

⁷ A respeito do lugar atribuído ao negro na sociedade brasileira, especialmente nas camadas médias e altas, Nelson Rodrigues realiza uma análise antológica da Passeata dos Cem Mil, importante manifestação de oposição ao regime militar ocorrida no Rio de Janeiro em 1968, capitaneada pelos setores democráticos e pela esquerda. Segundo Nelson, em tal passeata, não há nenhum negro (o que, obviamente, é mais um exagero rodrigueano), o que evidenciaria o caráter elitista da passeata.

possibilita superar a objetividade limitadora e recuperar uma subjetividade que remete à forma como os próprios indivíduos na sua vida cotidiana percebem-se.

E agora sim, a título de conclusão, talvez possa ser dito, a despeito da justa indignação de Nelson com os sociólogos do seu tempo, que as Ciências Sociais brasileiras dos nossos dias, tardia e lentamente, parecem dar menos razão ao autor de *Senhora dos Afogados*⁸.

Foi-se o tempo em que Nelson, indignado ao comentar um jogo entre Brasil e Bélgica em 1965, afirmava categoricamente que, entre os mais de cem mil presentes no Maracanã, só um brasileiro havia faltado: o sociólogo.

Bibliografia

ALEXANDER, J. *et al.* 2004. *Cultural trauma and collective identity*. Los Angeles: University of California Press.

ANTUNES, F.M.R.F. 2004. “Com brasileiro, não há quem possa!”: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: Editora Unesp.

DAMATTA, R. 1994. Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro. *Revista da USP*, n. 22.

⁸ Nas palavras de Guedes (2003, p. 179): “A inegável maturidade da reflexão acadêmica nas ciências sociais brasileiras sobre os esportes, e em particular sobre o futebol, pode ser medida por vários índices: a multiplicação dos pesquisadores envolvidos com a temática, a diversidade das propostas teóricas e das abordagens metodológicas, a configuração de alguns debates importantes, a presença da antropologia ou da sociologia do esporte em alguns dos encontros mais importantes das ciências sociais no Brasil. Mas talvez o resumo desses índices esteja na alta qualidade de teses e dissertações elaboradas no contexto dos programas de pós-graduação do país, muitas delas publicadas nos últimos dez anos. Nessa literatura recente, algumas problemáticas delineadas pela produção anterior vão assumindo contornos mais nítidos, dialogando de modo inovador com as diversas tradições disciplinares das ciências sociais”.

DAMATTA, R.; BAÊTA NEVES, L.F.; GUEDES, S.L.; VOGEL, A. 1982. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke.

DA SILVA, M.R. 2006. *Mil e uma noites de futebol: – O Brasil moderno de Mário Filho*. Belo Horizonte: Editora da UFMG.

DENZIN, N. K. 1990. Presidential address on the 'the sociological imagination' revisited. *The Sociological Quarterly*, Vol. 31, n.1, pp. 1-22.

FILHO, M. 1964. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

FRANCO JR., H. 2008. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das Letras.

FREYRE, G. 1945. *Sociologia*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora.

GIULIANOTTI, R. 2005. *Sport: a critical sociology*. Cambridge: Polity Press.

GUEDES, S. L. 2003. Lógicas de emoção. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 18, n. 51.

LEITE LOPES, J. S. 1994. A vitória do futebol que incorporou a *pelada*: a invenção do jornalismo esportivo e a entrada dos negros no futebol brasileiro. *Revista da USP*, n. 22.

MORAIS, J.V.; RATTON, J.L. 2006. A perda da Copa de 1950 como trauma cultural. *Ciência e Rede*, n. 2, p.75-77.

RATTON, J.L. 2004. Nelson Rodrigues, o futebol e a imaginação sociológica. *Mediação*, n. 4.

RAMIREZ, F. 2003. O futebol que driblou o sujeito e emplacou o objeto. In: COZAC, J.R.L. (Org.). *Com a cabeça na ponta da chuteira: ensaios sobre a psicologia do esporte*. São Paulo: Annablume, pp. 57-71.

RODRIGUES, N. 1993. *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras.

_____. 1994. *A pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras.

_____. 1997. *Flor de obsessão*. São Paulo: Companhia das Letras.

_____. 2008. *O berro impresso das manchetes*. Rio de Janeiro. Ed. Agir.

RIBEIRO, A. 2007. *Os donos do espetáculo: histórias da imprensa esportiva no Brasil*. São Paulo: Editora Terceiro Nome.

ROSENFELD, A. R. 1993. *Negro, macumba e futebol*. São Paulo: Perspectiva.

TOLEDO, L.H. 2000. *No país do futebol*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

WISNIK, J.M. 2008. *Veneno Remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.

WRIGHT MILLS, C. 1982. *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.